

## ENSINO DE SOCIOLOGIA E HIP HOP: o rap enquanto estratégia educativa

Daniara Thomaz

**Resumo:** Resultado de uma etnografia, realizada durante o estágio supervisionado em turmas dos primeiros e segundos anos do ensino médio de uma escola pública localizada na periferia da cidade de Maringá-PR, o presente artigo busca discutir os efeitos da inserção de práticas culturais periféricas no contexto escolar enquanto métodos de ensino e aprendizagem, tomando como base o movimento Hip Hop como prática cultural presente em vários aspectos na formação individual e coletiva de sujeitos jovens. O texto propõe uma análise acerca da aproximação entre conteúdo didático sociológico e a experiência de vida de alunos e alunas por meio da cultura periférica expressa pelo Hip Hop e seus elementos. Até que ponto é possível conectar a teoria sociológica ensinada nas escolas com as vivências de sujeitos localizados à margem da estrutura urbana? Considerando os atravessamentos dos marcadores sociais da diferença, as noções de estranhamento e desnaturalização pertinentes ao ensino de Sociologia, este artigo pretende identificar os benefícios e vantagens propiciados pela incorporação de práticas pedagógicas outras na relação ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Hip Hop; Escola Pública; Ensino de Sociologia; Rap.

**Abstract:** As a result of an ethnography carried out during supervised internships in freshman and sophomore classes in public high school located in the ghetto from Maringá, Paraná, this article aims discussing the effects of the insertion of cultural practices from ghetto in the school context as teaching and learning methods, based on the Hip-Hop Movement as a cultural practice in several aspects in the individual and collective formation of young subjects. The paper presents an analysis about the approximation between sociological approach content and students life experience through the peripheral culture expressed by Hip-Hop and its elements. To what extent is it possible to connect the sociological theory taught in schools with the experiences of subjects located at the edge of the urban structure? Considering the crossings of the social markers of difference, the notions of estrangement and denaturalization relevant to the teaching of Sociology, this article seeks to identify the benefits and advantages provided by the incorporation of other pedagogical practices in the teaching-learning relationship.

**Keywords:** Hip-Hop; Public School; Teaching of Sociology; Rap

### **Batalha de Rima e Movimento Hip Hop: expressão política negra e periférica**

*“Sessenta por cento dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada quatro pessoas mortas pela policia, três são negras. Nas universidades brasileiras, apenas dois por cento dos alunos são negros”.*  
*(Capítulo 4 versículo 3 – Racionais Mcs).*

As batalhas de rima vêm se tornando, cada vez mais, uma prática cultural constante entre jovens periféricos e, frequentemente, negros. Sua dinâmica pode ser definida pela competitividade, agilidade e habilidade com as palavras que são lançadas de forma ri(t)mada, de acordo com o tema escolhido previamente ou no estilo Freestyle (tradução livre: estilo livre). De forma simples, a batalha de rima configura uma disputa de rimas idealizadas instantaneamente e a partir do conflito entre duas pessoas. O objetivo é identificar quem consegue manter o ritmo, a rima, sem perder a coerência e a agilidade com o uso das palavras. Sem muito aprofundamento, é possível concluir que as batalhas são exercícios intensos de raciocínio rápido, lógica

e oratória, pois induzem o participante, ou melhor, o MC (mestre de cerimônias) a trabalhar de modo rápido e seguro sua capacidade de dicção e habilidade de rima sem perder o sentido na junção das palavras.

A gênese das batalhas de rima está no movimento Hip Hop e, sobretudo, no gênero musical rap (do inglês, Rythm and Poesy) que influenciaram toda uma geração de músicos e artistas a partir da década de 70 (TEJERA, 2013). As manifestações artísticas dentro do Hip Hop, denominadas como elementos, são quatro: 1) o Grafite (arte visual); 2) o Break (arte corporal e dança); 3) o Dj (arte sonora e musical); e por fim, 4) o MC (arte sonora e poesia rítmica). Como elemento de unidade está o conhecimento, compreendido como o quinto elemento que conecta todos os outros. A ideia de conhecimento é amplamente propagada dentro dos movimentos de Hip Hop, sendo enaltecida e vista como ponto crucial para a dinâmica interna da cultura de rua.

Antes de compreendermos a dinâmica das batalhas de rima, vale destacar, brevemente, o início do movimento Hip Hop que fornece os princípios e contexto de criação das batalhas. O Hip Hop surge no final da década de 60 e início da década de 70 na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América. Concentrado nos “hoods” ou “ghettos” (bairros majoritariamente negros das metrópoles estadunidenses), o movimento emerge com a ideia de contestação à extrema pobreza, violência policial, racismo institucional e negligência por parte do Estado aos grupos mais vulneráveis.

Assim denominada pelo DJ Afrika Bambaataa, [o Hip Hop] teve início no bairro do Bronx, gueto de Nova Iorque. Tinha como objetivo principal congregar os negros do local para atividades artísticas, substituindo as brigas entre as gangues pelas rachas entre as Crews (grupos) de Break ao som do DJ, da voz do MC e utilizavam os graffitis nos muros para ratificar os domínios territoriais de cada grupo (CAZÉ; OLIVEIRA, 2008, p. 5).

Portanto, mais do que um movimento artístico e cultural, o Hip Hop se instaura também como um movimento político de contestação à realidade social vivenciada pela população negra e periférica nova-iorquina e de reversão a esta realidade por meio da conscientização através das músicas e discursos poéticos ritmados, se tornando, neste sentido, um tipo de recurso didático-pedagógico de rua, cujo objetivo

estava na ampla informação sobre as relações de poder que envolviam o contexto e condicionamentos histórico-sociais nos quais os sujeitos em voga estavam inseridos.

Muitas músicas denunciam explicitamente a violência policial vivenciada pela população negra nos bairros da periferia das cidades estadunidenses, o intenso comércio de drogas também é apontado como produto direto da negligência do Estado e agente das mortes de jovens negros. Além das potentes letras das músicas, as manifestações corpóreas quebradas da dança Break simulavam os movimentos dos soldados feridos na Guerra do Vietnã, configurando uma contestação e denúncia à violência vivenciada à época no contexto de guerra (FOCHI, 2007). Vale destacar que como pano de fundo para a ascensão do movimento Hip Hop estavam os movimentos organizados por direitos civis da população negra – articulados contra o sistema *Jim Crow* de segregação racial – que tiveram início no fim da década de 1950, com representantes como Dr. Martin Luther King, Malcolm X, Rosa Parks, Medgar Evers, entre outros/as.

Nesse contexto de efervescência político-cultural, grafiteiros, breakers e rappers começaram a se reunir para realizar eventos juntos; afinal suas artes estavam relacionadas a uma experiência comum: a cultura de rua. O DJ do Bronx Afrika Bambaataa ganhou destaque pelas festas que produzia. Para nomear esses encontros que reuniam DJs, MCs e dançarinos de break, Bambaataa cunhou em 1968 a expressão hip-hop, que significa movimentar os quadris (do verbo to hip, em inglês) e saltar (do verbo to hop) (COUTINHO; ARAÚJO, 2011, p. 50).

O grupo musical *Public Enemy*, criado em 1982 por quatro integrantes negros, lançou músicas com fortes críticas ao sistema econômico e racial estadunidense. Como exemplo, temos a canção *Fight the power*, composta em 1990 e lançada no álbum intitulado *Fear of a Black Planet*. Na composição, os integrantes instigam uma conscientização acerca das relações assimétricas de poder entre a população negra e do gueto e aqueles que pertencem às classes mais altas. A repetição do refrão (fight the power, fight the power) se tornou um slogan contra a autoridade policial e o abuso de poder por parte dos aparelhos do Estado. Pautado pela oralidade, o Hip Hop e, mais especificamente, o Rap transformam a realidade das ruas dos guetos estadunidenses em expressão e manifesto artístico, político e cultural. Em verdade, a cultura Hip Hop construiu e constrói modos de interação entre os jovens, cujos resultados se dão na formação deste grupo enquanto seres sociais conscientes da

realidade que lhes cerca. Fochi (2007) argumenta que, além de atrair os jovens negros e de periferia para um novo tipo de cultura que contemplava a experiência de vida dos mesmos, contendo a violência e as brigas entre as gangues, muito recorrentes na época; o Hip Hop, também, promove “a conscientização e a inserção social dos indivíduos – ou pelo menos, inserção e conscientização quanto à dura realidade que se encontram” (2007, p. 2).

No Brasil não fora diferente. Em 1982, o gênero musical ordenado pelo ritmo e poesia ganhou as ruas brasileiras, tomando espaço principalmente em São Paulo e dando início ao movimento Hip Hop no Brasil. No ano de 1988, Hip Hop brasileiro dá início a uma nova fase com o surgimento do Movimento Hip-Hop Organizado (MH2O), influenciado pelas mobilizações em prol dos direitos civis nos Estados Unidos. As premissas dos militantes negros norte-americanos se tornaram ponto crucial na formação dos integrantes do MH2O (COUTINHO; ARAÚJO, 2011), juntando, assim, a expressão cultural com a conscientização política. Ao mencionarmos o movimento do Hip Hop no Brasil, é de suma importância destacar a contribuição do Rap como elemento difusor dessa cultura, neste aspecto, o grupo de Rap *Racionais MC's*, criado em 1988, se tornou uma grande influência no contexto do Hip Hop. Com letras denunciando e carregadas de duras críticas à desigualdade social, racismo, pobreza, sistema carcerário e violência, o grupo transformou-se em um dos maiores ícones do Rap nacional. Um dos grandes sucessos do grupo é a música *Negro Drama*, cuja letra aborda de forma minuciosa a trajetória histórica da população negra no Brasil, narrando as desigualdades sociorraciais desde a escravidão até as favelas brasileiras. A música se tornou um hino para a população negra favelada e mesmo após 17 anos do seu lançamento, a canção ainda é trilha sonora de muitos jovens negros no Brasil.

Neste sentido, o movimento Hip Hop brasileiro surge atrelado aos movimentos sociais, incentivando a luta social e apoiando as demandas dos grupos sociais vulneráveis. É o que aponta Coutinho e Araújo:

Outra característica relevante do hip-hop brasileiro é sua proximidade com os movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra ou o Movimento dos Sem teto. São comuns composições que fazem referência às bandeiras de lutas dessas organizações, como o rap “Luta pelo amor, amor pela luta”, do grupo O Levante, feito em homenagem às

trabalhadoras sem-terra. Essa aproximação faz com que grafiteiros e rappers estejam presentes nas mobilizações populares, colaborando com sua arte nos eventos culturais (COUTINHO; ARAÚJO, 2011, p. 52).

Retornando ao tema das batalhas de rima e suas dinâmicas, é necessário mencionar que há duas modalidades que dão forma às batalhas, instituindo o modo de organização das rimas a serem “mandadas”. A primeira modalidade é conhecida como “batalha de sangue”, o nome está relacionado ao tipo de rimas que são realizadas neste seguimento. Nesta modalidade, não há um tema estabelecido previamente pela organização da batalha, deste modo, os concorrentes atuam de forma livre, atacando e respondendo verbalmente o adversário conforme o contexto e sequência da própria batalha. A segunda modalidade é denominada como “batalha de conhecimento” e se difere da batalha de sangue, exatamente, por ter um tema estabelecido previamente, o qual deve ser seguido com coerência pelos participantes. Além destes critérios de distinção das batalhas de rimas, há diferenciações nos tipos de duelo dentro da batalha de sangue, são estes: o método tradicional de batalha e o método bate-volta que tem sido mais utilizado nos últimos anos. O primeiro diz respeito ao duelo tradicional, no qual o tempo, geralmente 30 ou 40 segundos, é concedido igualmente entre os MC’s. No segundo caso, o formato utilizado é denominado 4x4, cada MC rima quatro versos de forma intercalada até que ambos tenham rimado quatro vezes, este último formato é bastante utilizado em casos de desempate.

### **Hip Hop e a Educação como Prática da Liberdade**

Como dito anteriormente, este artigo é fruto de uma experiência etnográfica realizada no Colégio Estadual Adaile Maria Leite, localizado em um bairro periférico da cidade de Maringá-PR. A etnografia, por sua vez, fora elaborada a partir da disciplina de estágio supervisionado do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (UEM). A ênfase na localidade do colégio se dá, pois a mesma fora um dos elementos primordiais para que o trabalho com a metodologia de batalha de rima fosse realizado. Com a aproximação com os alunos e alunas e suas vivências, atrelado ao conteúdo sociológico transmitido em sala de aula, a necessidade de

utilizar um novo recurso didático-pedagógico foi se mostrando presente. A batalha de rima, apresentada pelos próprios alunos como uma prática habitual dos mesmos durante os intervalos de aula, surgiu como uma fuga aos formatos reduzidos de avaliação, normalmente, utilizados pelos professores e professoras.

A atenção dos alunos, muitas vezes, se torna um dos maiores desafios que o professor e professora possa vir encontrar na sala de aula. A repetição dos mecanismos docentes, a cópia de textos, as perguntas sistematizadas, e até mesmo os recursos midiáticos muitas vezes usados como uma fuga aos métodos tradicionais, vão se tornando cada vez menos eficientes na medida em que os próprios alunos introduzem no cotidiano da sala de aula suas práticas culturais e vivências particulares. bell hooks aponta que o ensino é um tipo de ato teatral.

E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral do ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão da reciprocidade (hooks, 2013, pp.21-22).

Portanto, o papel do professor e professora em sala de aula consiste, também, na construção de uma relação pautada na reciprocidade diante de seus alunos e alunas, logo, a absorção da realidade discente na configuração e dinâmica da aula deve ser tida como ponto de interesse de ambos os atores envolvidos no espaço escolar. Diante disso, se faz necessário a inovação, a criação de um novo olhar sobre a docência e seus métodos. E fora neste contexto de inovação, e talvez ousadia, que as batalhas de rimas foram inseridas como meio de avaliação do nível de apreensão do conteúdo dado por parte dos alunos.

Muitas letras do gênero musical Rap trazem a educação e o conhecimento como alternativas para os condicionamentos sociais que alocam a população pobre, negra e periférica em posição de vulnerabilidade social. Os estudos, a conscientização sobre as questões políticas, históricas e sociais seriam, dentro desta perspectiva, ferramentas de combate às desigualdades, preconceitos, discriminações, violência e injustiças que assolam determinadas classes da sociedade. Seja em movimentos de crítica ou enaltecimento, a educação é um tema presente nas composições do universo rítmico e poético, seus efeitos e implicações estão relacionados à ideia de

emancipação, autonomia e empoderamento, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Abaixo, o trecho da letra do grupo Facção Central, *Brincando de Marionete* (1998), retrata a importância da educação e dos estudos dentro do meio periférico e, conseqüentemente, na cultura Hip Hop.

Aí mano aposente seu calibre, dispense a farinha, desfaça a quadrilha, o nosso sangue o cadáver embaixo do jornal, o moleque fumando crack, é o que o sistema brasileiro de corpos quer, pobre se matando, pobre trocando tiro entre si, pobre morrendo na mão da policia, pobre no cemitério, **seu trampo e seu estudo brecam o cano do PM, mano informado, digno se valorizando é embaçado mano, o Brasil treme** (Facção Central, 1998, grifo nosso).

Se, para o Rap nacional, a educação é a chave transformadora das condições desiguais atribuídas à população pobre, negra e favelada; então, qual deveria ser o local ocupado pelo Rap e o Movimento Hip Hop dentro da educação e, mais especificamente, dentro do ensino de Sociologia, disciplina que se ocupa em compreender as relações de desigualdade instituídas socialmente? É possível utilizar o Rap como metodologia para a construção de uma educação emancipatória, ou nas palavras de bell hooks, para a construção de uma educação como prática da liberdade? É a partir desta indagação que construímos a abordagem analítica deste artigo, no intuito de engendrar uma relação de reciprocidade entre a educação e o Hip Hop, sobretudo o Rap.

O que propomos é um olhar sobre a educação e o ensino que considere as vivências discentes e as incluem na relação ensino e aprendizagem, pois as mesmas podem ser, e o são, eficazes na construção de uma reciprocidade entre a escola e os alunos e alunas, e, sobretudo entre a escola e a cultura que lhe envolve. Em verdade, o modelo tradicional pedagógico exclui de suas configurações as práticas juvenis extraescolares, considerando-as como comportamentos errôneos e cabíveis de punição. Este modelo implica em uma transfiguração do sujeito-aluno para um ideal de discente que deve excluir suas subjetividades ao entrar em sala de aula. Como se o ato de vestir uniforme ou qualquer outro rito escolar fosse um mecanismo de inibição da realidade alheia à escola e ao processo de escolarização, as práticas culturais, as vontades, os pensamentos e as percepções produzidas fora do contexto escolar são reiteradamente excluídas das atividades ali realizadas. Desta forma, a inclusão destes

elementos no processo de escolarização envolve uma percepção aprofundada por parte do docente, percepção esta que deve considerar a cultura extraescolar como ator dentro das relações produzidas no espaço escolar.

bell hooks define a educação como prática da liberdade enquanto “um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (hooks, 2013, p. 25). Isso significa, segundo a autora, que a educação deve seguir um modelo holístico, no qual o todo é considerado para a compreensão das partes. Este modelo de educação implica, necessariamente, na capacitação do próprio professor e professora, enquanto agentes envolvidos no processo de aprendizado e crescimento em sala de aula. Deste modo, o professor e professora engajados com a educação como prática da liberdade devem, assim como os alunos e alunas, partilharem de suas experiências em sala de aula, evitando uma atuação vertical e unilateral.

A obra de bell hooks nos auxilia a compreender a educação em um formato futuro, cuja realização depende da fomentação de novas estratégias pedagógicas que, por sua vez, dependem da experiência vivenciada em sala de aula. Em outras palavras, a construção de uma educação emancipatória não deve seguir um modelo único, a ser encaixado em todas as salas de aulas de forma excludente. Bem o contrário, a realidade da sala de aula e da escola é imprescindível para a promoção desta *pedagogia engajada*, uma vez que somente esta realidade pode fornecer os elementos necessários para a produção de estratégias pedagógicas comprometidas com a quebra dos modelos tradicionais. Dito isso, é necessário ressaltar a realidade e o contexto do colégio no qual este trabalho fora idealizado e desenvolvido.

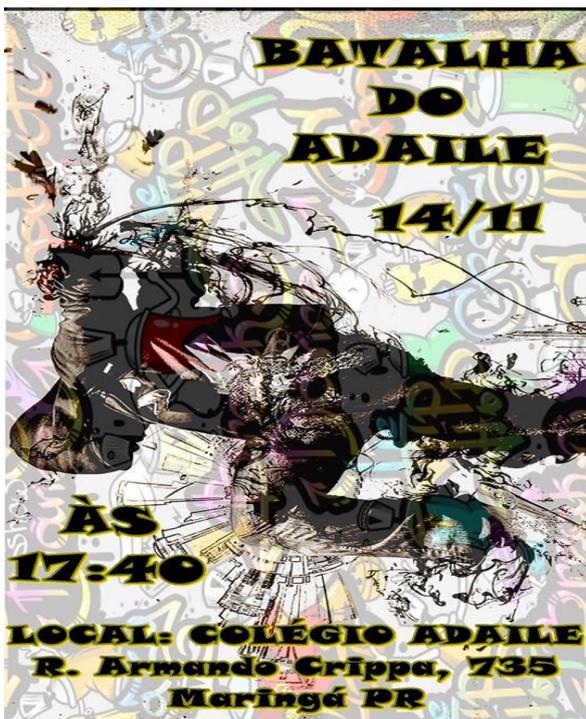
### **Hip Hop, Cultura de Rua e Ensino de Sociologia**

O Colégio Estadual Adaile Maria Leite está localizado, há 40 anos, em um bairro, Jardim Liberdade, na região limite entre os municípios de Maringá e Sarandi, no estado do Paraná. Vale destacar que o município de Sarandi, que até 1981 era distrito da cidade de Marialva, é visto como um local de periculosidade pelos habitantes de Maringá, exatamente por comportar bairros com infraestrutura fragilizada e pela distância da região central da cidade de Maringá. Além disso, o

colégio fica ao lado de um dos bairros considerados como periferia de Maringá, o Conjunto Requião. Esta localização específica desempenha grande influência nas experiências partilhadas no espaço escolar. Não muito raro, as rixas entre moradores de Sarandi, Requião e Liberdade, representados por discentes da escola ou não, tomam corpo nos entornos do colégio, gerando brigas e confrontos físicos. Por conta disto, a vigia ostensiva da Polícia Militar (PM) ou Guarda Municipal (GM) são frequentes nas partes externas da escola, sendo raros os casos em que não há uma viatura nos momentos de saída dos alunos do colégio.

É de fácil dedução, portanto, que a cultura de rua, a cultura periférica, esteja presente no cotidiano do colégio, sendo expressa e manifestada pelos comportamentos, vestimentas e linguagem dos alunos e alunas. Diante disso, o Hip Hop apresenta notável espaço entre as interações dos alunos em seus momentos fora do exercício discente, como o intervalo entre as aulas ou os momentos que antecedem o começo das aulas. Durante o intervalo, por exemplo, é permitido que os alunos e alunas ouçam música em um aparelho de som, na maior parte das vezes, as músicas escolhidas são do gênero Funk ou Rap. Existe um acordo entre os alunos e alunas e a direção do colégio para que haja um “filtro” na escolha das músicas tocadas no intervalo, nesse sentido, músicas com muitos palavrões são proibidas, danças consideradas sensuais ou que insinuem sexo também estão fora de questão. Ademais, não é raro encontrar alguns alunos, geralmente meninos, reunidos em roda, disputando quem faz a melhor rima.

De modo geral, o colégio é muito aberto para o diálogo com os alunos e alunas, sempre promovendo ações de interação que fogem ao formato fechado da sala de aula. Em abril de 2018, por exemplo, fora realizada a I Mostra de Profissões do Colégio Adaile Maria Leite, a mostra contou com a presença de ex-alunos e alunas formados ou graduandos apresentando o curso e profissão que escolheram para seguir na vida. Em verdade, o colégio mantém uma relação muito próxima com ex-alunos e alunas, sempre os prestigiando publicamente quando iniciam um curso superior ou finalizam uma graduação. Além disso, o colégio é receptivo para pautas que valorizam a diversidade e a diferença, incluindo em sua programação palestras com temáticas que abordam as diferenças raciais, de gênero e orientação sexual.



No dia 04 de novembro de 2018, foi realizado um evento intitulado “Batalha do Adaile”, com o objetivo de promover a cultura Hip Hop, o evento, realizado durante os dois turnos de aula, convidou integrantes do movimento Hip Hop da cidade de Maringá para mostrarem os elementos que compõem a cultura de rua. Desta forma, além da própria batalha de rima realizada entre os alunos e alunas, teve também campeonato de skate, competição de dança Break e grafite em algumas paredes do colégio. No dia do

durante os períodos da manhã e tarde, quadra do colégio, todas as turmas participaram e promoveu a interação entre as diversas turmas, oportunidade de se expressarem de formas outras além do formato de escrita e/ou seminário, utilizados nos dias de aulas normais.

Figura 2: Grafite feito por alunos e alunas em homenagem a funcionária do colégio, Madalena, falecida alguns dias antes do evento.

Fonte: Redes sociais.



Figura 1: Arte-convite para o evento  
Fonte: Redes sociais.

Neste sentido, fica nítida a facilidade, por parte do colégio como um todo, em aceitar uma metodologia outra durante as aulas de Sociologia. A ideia de trabalhar outros tipos de métodos de ensino e aprendizagem surgiu com o próprio conteúdo trabalhado. Nos segundos anos, o tema discutido era desigualdade, enquanto que para os primeiros anos o conteúdo aplicado abordava os conceitos de instituições sociais, sobretudo a escola. Na tentativa de estimular uma nova concepção sobre a própria escola e seu alcance em relação aos alunos e alunas, bem como a produção de um olhar mais crítico, por parte dos alunos, acerca das relações de poder estabelecidas socialmente, a batalha de rima transformou-se em um movimento de recusa aos formatos instituídos pela pedagogia tradicional e de aceitação da realidade de vida dos alunos e alunas.

Segundo Bueno e Carniel (2018), os conceitos (e, portanto, os verbos) de desnaturalização e estranhamento permeiam “as ações norteadoras da constituição da sociologia como disciplina científica curricular na escola básica” (2018, p. 44). Desta forma, assim como os números estão para o ensino de matemática e os elementos químicos para o ensino de química, o exercício de estranhamento e desnaturalização estão para o ensino de sociologia, sendo fundamentais para o êxito da disciplina. Diferente de outras disciplinas, a sociologia tem como objeto de estudo fenômenos e instituições que compõem o cotidiano dos alunos, com isso, a transfiguração desses elementos já familiares para os alunos e alunas para a posição de um fenômeno social, passível de análise e estudo, depende dos movimentos de estranhamento e desnaturalização.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias (2006), estranhar um fenômeno comum significa retirar a ordinariedade dos fatos sociais, buscando uma explicação para os problemas corriqueiros por meio da problematização. Desnaturalizar, por sua vez, demanda um movimento de deslocamento do determinismo biológico destes mesmos fenômenos. Sendo assim, ao estudar a família, por exemplo – uma instituição social por excelência

– devemos estimular os alunos e alunas a produzirem um olhar suprido de estranhamento, pois é somente por meio da compreensão do significado e simbolismo social da família que os alunos e alunas conseguirão visualizar esta instituição para além dos formatos individuais e subjetivos, dos quais lança mão o senso comum.

É preciso compreender os conceitos de estranhamento e desnaturalização, pois os mesmos são fundamentais no processo de problematização dos formatos educacionais em voga até o presente dia. Isto é, traçar um novo olhar para a educação perpassa as análises sociológicas que dão vazão às leituras contemporâneas sobre a escola e seus objetivos. A sociologia da educação, por exemplo, é uma área de destaque das Ciências Humanas que tem se dedicado a compreender os processos histórico-sociais pelos quais a educação tem passado em nosso país, muitas vezes, no intuito de transformá-la. Portanto, apesar das inovações, ou alterações espontâneas como sugere hooks (2013), serem úteis e necessárias em todas as disciplinas (inclusive, na área das ciências duras), o ensino de sociologia propicia um pano de fundo capaz de provocar, ou no mínimo instigar, a elaboração do pensamento crítico por parte dos alunos e alunas, visto que este é um dos seus objetivos enquanto disciplina curricular.

Se a escola é um campo social, como afirma o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989), então o mesmo denota uma disputa de poder, cujas forças internas lutam pela apropriação de um capital simbólico específico pertencente ao próprio campo. Este capital simbólico é representado pelo capital de reconhecimento pelos pares, isto é, dentro de um campo social específico espera-se a legitimação e reconhecimento dos agentes que compartilham deste campo em questão. No contexto escolar, o currículo é um campo de poder, no qual os diferentes agentes internos disputam as forças presentes neste campo. Em uma relação direta com a escola e o ensino, estas forças são os saberes, conteúdos e conhecimentos curriculares que são aplicados em sala de aula. Há, por certo, uma disputa sobre quais conteúdos e saberes irão compor o currículo oficial, pois compor o currículo oficial significa compor a metodologia repassada na relação ensino-aprendizagem e, portanto, também significa os tipos de conhecimentos que irão mediar a formação discente. Discutir a importância da composição do currículo escolar é fundamental para compreender os

tipos de saberes que são incluídos ou excluídos dos moldes de ensino. Pois, mais do que gerenciar conteúdos, o currículo escolar

[...] também é atrelado às interações existentes na escola. Dentre elas, as relações de poder que são estabelecidas nos diversos espaços através de postura dos indivíduos que compõem essa dinâmica, da organização, das represálias, incentivos, estruturas, falas agressivas ou não. Pensar sobre o currículo é pensar também de que forma nos relacionamos com o conteúdo existente neles para além de uma mera exposição (TORRESSAN, 2019, p. 117).

Neste sentido, as forças internas do campo escolar acerca dos saberes, conhecimentos e metodologias a serem aplicadas em sala de aula estão em constante disputa. Reconhecer isso significa compreender que o conteúdo pedagógico transmitido em sala de aula está relacionado com questões outras além da mera transmissão de saberes, questões estas que estão atribuídas ao tipo de formação que o aluno e aluna receberão e, conseqüentemente, passarão adiante ao longo da vida. Ora, a transmissão de conhecimentos e saberes não encontra seu fim e êxito total na escola, uma vez que aquilo que aprendemos em sala de aula, além de compor nossos saberes enquanto sujeitos, representa os princípios teóricos que iremos tomar como base para constituir nossa práxis ao longo da vida. Portanto, é de suma importância a ampliação dos conteúdos didáticos ensinados em sala de aula, pois quando ignorados da formação discente, os conteúdos e saberes que não compõem o currículo oficial, não são apenas excluídos da transmissão de conhecimentos em sala de aula, são excluídos, também, da formação do sujeito-aluno e de suas concepções acerca do que constituem a produção de conhecimento, a ciência e o mundo como um todo.

### **O Rap é Compromisso (e Conhecimento), não é Viagem**

Como dito anteriormente, a ideia de utilizarmos a batalha de rima como método de avaliação surgiu dos próprios alunos e alunas que realizavam esta prática durante os intervalos das aulas. Neste sentido, os alunos e alunas se organizaram em duplas, enquanto a professora determinava o tema das rimas relacionado ao conteúdo trabalhado em sala. O uso de palavrões e ofensas pessoais estava fora de questão, assim como fugir do tema estabelecido. Desta forma, as duplas batalhavam entre si e

aquele que mantivesse maior coerência com o tema, sem infringir as regras, venceria. O que, dentro do método avaliativo, significava ganhar 1,0 ponto. Algumas considerações sobre o exercício são necessárias, como o fato de a atividade ser mais entusiasmada pelos alunos do que pelas alunas, evidenciando a relação de poder de gênero existente não somente em sala de aula, mas na própria cultura do Hip Hop que tende a ter mais adeptos homens do que mulheres, ainda que um movimento feminino no Hip Hop venha mudando essa realidade nos últimos anos. Ademais, a atividade foi muito bem recepcionada pelos alunos.

Além da batalha de rima utilizada como método de avaliação, os alunos e alunas dos segundos anos também ficaram responsáveis por produzirem uma letra de Rap que tratasse dos temas sobre desigualdade social. Cada grupo, constituído por quatro ou cinco alunos e alunas, ficou à vontade para escolher qual tipo de desigualdade iria abordar em sua letra. As opções dadas eram: desigualdade de gênero, desigualdade racial, desigualdade econômica e desigualdade promovida por orientação sexual. Além de comporem as letras, os alunos e alunas também ficaram incumbidos de apresentarem a música, acompanhada de uma batida ou não, para a sala inteira.

A atividade valia 2,0 pontos e os alunos e alunas se mostraram contentes em poder exercitar sua criatividade como *rappers*, ainda que por um breve momento. Vale destacar que a atividade fora embasada no conteúdo sociológico didático trabalhado com os alunos e alunas previamente e a atividade proposta fora uma forma de avaliar o nível de apreensão das turmas acerca dos temas aplicados. De modo algum a composição das letras de Rap seguiu despreendida do material trabalhado em sala de aula, visto que o próprio livro didático, além da experiência de vida dos alunos e alunas, serviu de base para a composição das letras. A seguir, veremos algumas composições cedidas pelos alunos e alunas para a produção deste artigo.

*Desigualdade*

*É o começo do fim*

*O declínio da sociedade*

*A mídia culpa o povo*

*O povo culpa a mídia*

*Isso acontece todo santo dia*

*De novo e de novo*

*“Com o seu imposto ajudaremos muita gente”*

*Tem gente que acredita*

*No que diz o presidente*

*A nossa nação*

*Voltou pras cavernas*

*Desigualdade, política*

*Discutida por palermas*

*O pobre não descansa*

*Em busca da mudança*

*Enquanto muitos ricos crescem*

*É extinta a esperança*

*Mas a esperança*

*Não pode acabar*

*Com a coletividade*

*Vamos juntos almejar...*

(Grupo 1 – Desigualdade econômica)

*Se quer entender os falsos*

*Tu devia se entender*

*Criticam sua aparência*

*O que aparenta ser você*

*Vou esclarecer: cabelo liso*

*Pele branca e olhos azuis*

*É a mesma aparência*

*Que a mídia pôs em Jesus*

*Nada de pena*

*Chega de cena*

*É a mesma coisa  
Que você apresenta*

*Discurso elaborado  
Para acabar sua melanina  
Padrão estabelecido  
Para abalar sua autoestima*

*Notícia de outro negro  
Que a polícia assassina  
Infelizmente essa é a rotina*

(Grupo 2 – Desigualdade racial)

*Sangra na rua  
Depois chora em casa  
A culpa não é dos gays  
Se sua mente é quadrada*

*Querem nos machucar  
Mas não sabem de nada  
Porque a luz da nossa luta  
Sua bala não apaga*

*A gente tá aqui  
Pra quebrar esse tabu  
Pega seu preconceito  
E enfia no seu c\**

*Entraram na boate  
Só pra chamar o siate  
Mataram na crueldade  
50 da irmandade  
Parando a sociedade  
Na falta de felicidade  
Pedimos piedade*

*Na nossa diversidade*

*O meu pai não iria se orgulhar*

*Mas ser gay é amar*

*E não pra agradar*

*A opinião de alguém*

*Que não iria respeitar*

*Com sua ignorância*

*Ele não vai me apoiar*

*Tô cansado de apanhar*

*Ninguém vai me derrubar*

*Nessa luta eu vou continuar*

(Grupo 3 – Desigualdade por orientação sexual/Homofobia)

Nota-se que, além da aplicação do conteúdo sociológico, os alunos e alunas utilizaram da própria vivência para compor as letras. O exercício permitiu a incorporação da realidade de vida deles à metodologia da sala de aula sem que isso fosse encarado como problema. Por mais subjetivas que as composições de Rap possam vir a ser, com letras que abordam a vivência daqueles que a compõem, ainda assim, tais composições encontram seu aspecto objetivo ao abordar temáticas que constituem problemas sociais e, conseqüentemente, problemas sociológicos. Não seria de total equívoco dizer que a sociologia faz parte do olhar crítico do *rapper* que se dedica a tratar de problemas que estão no âmbito social e, até mesmo, histórico. Não à toa, Instituições de Ensino Superior tem incorporado à lista de obras obrigatórias para o vestibular, álbuns de grupos brasileiros de Rap<sup>1</sup>, pois tais obras contém em suas letras uma análise sociológica e histórica da realidade brasileira.

Ao realizarem a atividade, além da liberdade proporcionada pelo ato criativo, os alunos e alunas sentiram-se integrados ao conteúdo didático, pois perceberam que é possível entrar em contato com a temática, até então considerada como difícil, sem precisarem se deslocar de suas posições enquanto sujeitos. A atividade permitiu que

---

<sup>1</sup> Em 2020, o álbum “Sobrevivendo no inferno” do grupo Racionais Mcs será obra obrigatória na lista do vestibular da Universidade Estadual de Campinas.

os alunos entrassem em contato com a diferença promovida pelos marcadores sociais, mas, sobretudo, permitiu que os alunos e alunas vissem a si próprios como atores sociais, supridos de autonomia para compreender e questionar as dinâmicas de organização social. A relação entre Sociologia e Rap forneceu aos alunos e alunas a agencia necessária para se sentirem parte da sociedade, o que, por sua vez, contribuiu para a compreensão da disciplina.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atividade permitiu a intersecção entre teoria sociológica e a realidade de vida dos alunos e alunas, ponto fundamental na aplicação e compreensão do ensino de Sociologia. Trazer para próximo do aluno e aluna aquilo que os teóricos clássicos dissertam sobre a sociedade é um dos grandes desafios do professor e professora de Sociologia, pois os temas e conceitos, muitas vezes, parecem distantes da vida dos alunos e alunas. O Rap pode ser a chave de conexão entre ambas as coisas, pode ser o elemento de tradução dos conceitos sociológicos para os alunos e alunas que vivenciam a prática sociológica, mas têm dificuldades em enxergá-la na teoria.

A sociologia tem, por vezes, o hábito de excluir sumariamente as subjetividades do processo sociológico de compreensão da sociedade. Com o foco nas questões sociais objetivas, aquilo que compõe as perspectivas subjetivas dos indivíduos não ganha muito espaço dentro da teoria sociológica. Todavia, é necessário nos ater ao fato de que a compreensão sociológica, política e antropológica da sociedade perpassam a subjetividade daqueles que se ocupam em entender os caminhos sociohistóricos da humanidade. Ignorar isso nos leva a trilhar caminhos unilaterais, munidos de uma pseudoneutralidade científica que, como vimos ao longo da história da ciência, acaba por constituir relações verticais, etnocêntricas e extremamente perigosas no que se refere à concepção do outro.

Longe de limitarmos tal crítica ao ensino de Sociologia, devemos rever as práticas de ensino que ignoram as relações e concepções subjetivas no campo escolar. A escola enquanto instituição formadora (DUBET, 1998) exclui de suas metodologias a potência das relações pessoais construídas em sua volta. Isso implica em um formato de ensino excludente, pois prevê um “aluno teórico, um aluno médio

que não existe” (DUBET, 1997). Ironicamente, é um método inclusivo que exclui. Inclusivo, pois sugere um corpo discente naturalmente apto ao processo de aprendizagem, e exclusivo, pois a realidade na sala de aula, principalmente em um colégio da periferia, se demonstra totalmente oposta a tal sugestão.

Um dos objetivos da Sociologia e do ensino de Sociologia é o trato com a diferença, com os marcadores sociais da diferença e seus efeitos na organização social. Para tanto, a literatura sociológica recente, dialogando com os movimentos sociais, produz críticas aos formatos fechados de compreensão da sociedade, promovidos, sobretudo, pelos clássicos, rejeitando o modelo de identidade-mestra, imutável e ancorada em uma única identificação (HALL, 2003). Entretanto, o ensino de Sociologia, muitas vezes, é deixado de lado nessa literatura recente e as preocupações sobre a constituição de uma teoria sociológica contemporânea recente que englobe os mais diversos tipos de existências identitárias não adentra o campo escolar. Em suma, o que propomos aqui é a inclusão de metodologias outras, seja o Hip Hop, o Rap ou o Funk, no ensino de Sociologia para que possamos ampliar nosso alcance enquanto professores e professoras, mas também enquanto sociólogos.

Por fim, compreendemos a potência da introdução de práticas pedagógicas outras na escola como um mecanismo de reversão à unilateralidade dos métodos de ensino e dos currículos oficiais que, ainda, trabalham a partir de uma lógica excludente. A escola não precisa ser um local fechado, sem conexão com o mundo em seu exterior, os saberes passados em aula podem estar conectados aos saberes localizados fora da sala de aula. Transformar a vida em uma extensão da escola e, principalmente, a escola em uma extensão da realidade de vida dos alunos e alunas é um desafio a ser travado e o mesmo não pode, nem deve, se restringir aos métodos de ensino do professor e professora. Incluir a perspectiva discente na dinâmica escolar, enquanto elemento autônomo, é o primeiro passo para aqueles engajados na educação como prática da liberdade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio – ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília, 2006. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf)> Acesso em 05 Abr. 2018.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz – Rio de Janeiro: Difel, 1989.

CARNIEL, F; BUENO, Z. de P. Aprendendo a pensar perigosamente experiências com o PIBID de Ciências Sociais da UEM In: MARTINS, J. A; ZAPPONE, M. H. Y. **Formação Docente: percursos e reflexões a partir do PIBID-UEM**. Maringá: EDUEM, 2018.

CAZÉ, C. M. de J. O; OLIVEIRA, A. da S. Hip Hop: cultura, arte e movimento no espaço da sociedade contemporânea. **IV ENECULT: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM MULTURA**, 2008, Salvador. *Anais...* Faculdade de Comunicação - Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14300.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

COUTINHO, E. G; ARAÚJO, M. Hip Hop: uma fala histórica contra-hegemônica. **Revista Cultura Crítica**, n. 24, p. 47-61, 2011.

DUBET, F. A formação dos indivíduos: a Desinstitucionalização. **Revista Contemporaneidade e Educação**, ano 3, v. 3, p. 27-33, 1998.

\_\_\_\_\_. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet – Entrevista concedida a Angelina Peralva e Marília Sposito. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, ANPED, p. 222-232, 1997.

FACÇÃO CENTRAL. Brincando de Marionetes. **Estamos de Luto**. São Paulo, 1DaSul, 1998. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6FVljzdyxc>> Acesso em 05 Abr. 2018.

FOCHI, M. A. B. **Hip hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social?** 2007. Disponível em < [http://www.faap.br/revista\\_faap/revista\\_facom/facom\\_17/fochi.pdf](http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf) > Acesso em 05 Abr. 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

TEJERA, D. B. O. **Rap: o duelo de rimas no cotidiano do jovem**. Dissertação (Dissertação em Ciências da Motricidade) – UNESP. Rio Claro, p. 108, 2013.

**Notas sobre a autora:** Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM), pesquisadora-bolsista no Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-Brasileiros (NEIAB-UEM) pelo Programa Universidade sem Fronteiras.